

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

MARIA APARECIDA NOGUEIRA BASSO

**O ESPAÇO EM *PANTANAL* – *GENTE, TRADIÇÃO E HISTÓRIA*, DE AUGUSTO
CÉSAR PROENÇA**

JARDIM – MS
2010

MARIA APARECIDA NOGUEIRA BASSO

**O ESPAÇO EM *PANTANAL* – *GENTE, TRADIÇÃO E HISTÓRIA*, DE AUGUSTO
CÉSAR PROENÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Jardim, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em letras.

Orientadora: PROF^a.DR^a. Susylene Dias de Araújo.

JARDIM-MS
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

BASSO, Maria Aparecida Nogueira.

O ESPAÇO EM PANTANAL - GENTE, TRADIÇÃO E HISTÓRIA, DE AUGUSTO CÉSAR PROENÇA.

Jardim, MS: Ed. Autora, 2010.

1. Augusto César Proença; 2. literatura; 3. Espaço.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Assinatura do autor

MARIA APARECIDA NOGUEIRA BASSO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O ESPAÇO EM *PANTANAL - GENTE, TRADIÇÃO E HISTÓRIA*, DE AUGUSTO
CÉSAR PROENÇA**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Prof.^ª. Dr.^ª. Susylene Dias de Araújo - UEMS

Orientadora

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato

Examinador

Prof. Rosicley Andrade Coimbra

Examinador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1.1 AUGUSTO CÉZAR PROENÇA, VIDA E OBRA.....	11
---	----

CAPÍTULO II

2.1 PANTANAL – GENTE, TRADIÇÃO E HISTÓRIA: A VISÃO DE AUGUSTO CÉZAR PROENÇA.....	15
--	----

CAPÍTULO III

3.1 O ESPAÇO EM A NHECOLÂNDIA.....	23
------------------------------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	31
-------------------------	-----------

ANEXOS.....	32
--------------------	-----------

ANEXO A – Capa de Pantanal: Gente Tradição e História.....	33
--	----

ANEXO B – Maria das Mercês, a Chechê.....	34
---	----

ANEXO C – Transporte usado no Pantanal da Nhecolândia.....	35
--	----

ANEXO D – Nheco Gomes da Silva.....	36
-------------------------------------	----

Numa obra literária os traços da cor local e as circunstâncias históricas, geográficas e sociais são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; às vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como uma sombra, ou mesmo de longe como um sonho ou pesadelo.

M. Hatoum

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela saúde e a benção de cada dia aprender mais, aos meus pais e irmãos pelo apoio e incentivo durante os quatros anos de graduação; agradeço também em especial ao meu marido Laércio e meu filho Thiago pelo apoio, dedicação e compreensão das horas em que precisei me ausentar.

Agradeço a professora Dr^a Susylene Dias de Araújo, por me orientar e acompanhar a produção deste trabalho de conclusão de curso.

As amizades verdadeiras que não se encerarão nesses quatro anos de curso. De forma muito especial a Aparecida Regina Bork da Silva pelo grande apoio e incentivo durante a realização desta pesquisa. Agradeço ao apoio do grupo inseparável, Cristiane, Solange, Jussara, Rosinha, Drielly, Aline, Camila, Eliane e a todos os outros colegas de sala pela convivência agradável no decorrer do curso.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo do espaço em “A Nhecolândia”, quarta parte do livro *Pantanal Gente, Tradição e História* de Augusto César Proença. Escrito em 1997, para esta análise nos reportamos primeiramente a um relato sobre a vida e obra do autor, como também a algumas características da literatura sul mato-grossense. Nesta observação, recorreremos a alguns autores que estudam a literatura de Mato Grosso do Sul como Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Ana Julia Segatel, entre outros. Para análise do espaço no corpus selecionado utilizamos teóricos conceituados como; Osman Lins, Antônio Dimas, Cândida Vilares Gancho entre outros. Através dessas teorias foi possível observar modo como o espaço se apresenta na literatura se apresenta. Podemos observar também que Proença ao descrever o Pantanal da Nhecolândia, através de uma linguagem simples, o autor relata que esse espaço, impõe respeito admiração e conservação de suas belezas, como também pode transformar, moldar os personagens que nele habitam.

Palavras - chave: 1. Augusto César Proença; 2. Literatura; 3. Espaço.

ABSTRACT

The present work has as objective the study of the space in “A Nhecolândia”, fourth part of the book *Pantanal Gente, Tradição e História* by Augusto César Proença written in 1997. To analyze it, we did an account on his life and his work, as well as some sul-mato-grossense literature’s characteristics. In this observation, we resort to some authors that studied Mato Grosso do Sul’ s literature like Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Ana Julia Segatel, among others. For analysis of the space in the selected corpus, we use some reputable authors like Osman Lins, Antonio Dimas, Cândida Vilares, Gancho, among others. Through these theories, it was possible to observe as the space is seen in literature. We must also observe that Proença describes Nhecolândia Pantanal through a simple language. The author relates that this space commands respect, admiration and conservation of their beauties, as well as it can transform, shape the characters that live in it.

Key words: August César Proença, literature, space.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo do espaço na quarta parte do livro *Pantanal - Gente, Tradição e História*, de Augusto César Proença. Escrita em 1997, esta obra é considerada pelo próprio autor como uma espécie de ensaio histórico, e busca contemplar de maneira poética o valor dos pioneiros na região do Pantanal, podendo ser considerada também como uma forma de resgatar a história dessa região. O referido *corpus* traz como título “A Nhecolândia”, e faz referência à trajetória de Joaquim Eugênio, chamado de Nheco, o maior representante dessa região, cujo nome se tornou símbolo de luta e respeito em todo o Pantanal sul-mato-grossense.

Partimos da ideia de que o espaço pantaneiro se apresenta como ponto central nesta obra, determinando e influenciando as atitudes de seus personagens. Assim, buscamos desenvolver nossa análise buscando apoio nas considerações de teóricos que tratam do espaço dentro da literatura. São eles: Osman Lins, Antônio Dimas e Cândida Vilares Gancho, e outros que buscaram abordar a obra de Augusto César Proença em especial.

Dessa forma, procuramos esquematizar nosso trabalho em três partes: O Capítulo I se voltou para a discussão de alguns aspectos da vida e da obra do autor, abordando também algumas particularidades em suas obras, como o fato de o Pantanal ocupar uma posição privilegiada em algumas delas, assim como a maneira com que o autor busca descrever aspectos da cultura pantaneira, que podem ser considerados pontos comuns a outros escritores do estado, como Raquel Naveira e Hélio Serejo.

No Capítulo II apresentamos um breve resumo da obra, que tem como principal foco a chegada dos primeiros desbravadores na região do Pantanal, enfatizando também a presença dos primeiros moradores dessa região. Já o Capítulo III, buscou abordar o tema central do trabalho: o espaço em “A Nhecolândia”, com a finalidade de evidenciar como este espaço atua na vida, nas ações e até nos sentimentos dos personagens da obra.

Entendemos por fim que, com a elaboração deste trabalho, será possível conhecer um pouco mais alguns dos traços concernentes à literatura de Mato Grosso do Sul e de como Augusto César Proença contribui e valoriza a cultura pantaneira através de suas obras. Com este trabalho também esperamos incentivar outros acadêmicos do curso de Letras e estudiosos da cultura sul-mato-grossense, para que se interessem mais pelo estudo das obras produzidas aqui, que possuem uma cultura tão rica, porém muito pouco explorada nos círculos acadêmico.

CAPÍTULO I

1.1 AUGUSTO CÉSAR PROENÇA: VIDA E OBRA.

Podemos iniciar este trabalho apresentando Augusto César Proença por ele mesmo:

[...] Pantanal sou eu, e eu sou o Pantanal! Porque eu tive muita chegança, vamos dizer assim! Esse é um termo de Manoel de Barros, mas eu acho que ainda não escrevi a coisa que eu queria escrever sobre o Pantanal, (...) eu tenho a impressão que a minha obra pantaneira ainda não terminou, que eu gosto muito do Pantanal e eu acho que se precisa falar das escritas dos artistas, eu quero fazer mesmo, é o homem mudando na terra, o homem trabalhando na terra, mostrar tudo isso e talvez, o Pantanal já é uma alegoria, é uma coisa muito diferente, eu quero mostrar o homem na sua realidade, na sua realidade histórica e atual. (SEGATEL, 2008, p.02)

Nascido na cidade de Corumbá, no dia 15 de Agosto de 1940, filho de uma família tradicional, Augusto César Proença vai para o Rio de Janeiro ainda pequeno, onde estuda e mora por alguns anos. Na adolescência faz cursos de Inglês e Relações Públicas na Universidade de Nova York, Literatura Brasileira na Academia Brasileira de Letras, e recentemente fez alguns cursos de Criatividade Literária, com Ivan Cavalcanti Proença.

Na década de 1970 transfere-se para a cidade de Cabo Frio, onde mora e forma-se em Letras. Publica seus primeiros contos no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro e no Jornal Fluminense, de Niterói. Em 1979 ganha o prêmio Ulisses Serra com o conto “O Vaqueiro Narciso”, ganhando também o Prêmio Brasília de Ficção, em 1985, com o romance *Raízes do pantanal*. Seus contos já serviram de base para alguns roteiros de filmes e peças de teatro, como exemplos podemos citar: *O caso de Juanita* e *Nessa poeira não vem mais seu pai*.

O autor possui outras obras de destaque como:

- *Snack Bar* - 1979 (Coletânea de contos);
- *Raízes do Pantanal* - 1989 (Romance);
- *A Sesta* - 1993 (Conto);
- *Pra qualquer lugar* - 1995 (Conto);
- *Pantanal Gente, Tradição e Historia* - 1997 (História);
- *Nessa poeira não vem mais seu pai* - 1999 (Conto);

- *Rodeio a Céu Aberto* - 2009 (Crônicas e contos).

Ao descrever sua trajetória na literatura, Proença diz:

Eu comecei mesmo a escrever quando fui tirar meu curso de Letras em Cabo Frio no estado do Rio na Universidade na região dos Lagos (...) Eu morava em Cabo Frio depois eu me mudei pra uma fazenda, uma fazenda de plantação de cana, comprei a fazenda e fiquei morando durante dez anos nessa fazenda, aí escrevi um outro livro *Raízes do Pantanal* (...) Aí eu vendi a propriedade rural e voltei, vim pra cá pra Corumbá, retornei as minhas origens né. Isso estamos em mil novecentos e noventa; nesse ínterim escrevi então aí parte, deixei a literatura a ficção e fui para a história procurando escrever um pouco, retratar a vida dos pantaneiros pioneiros que são descendentes né, dos pioneiros da Nhecolândia. Então eu procurei fazer um livro através de tradição oral, eu ouvia muito meu pai meu avô, minha mãe e através de estudos e pesquisas que eu fiz durante alguns anos saiu o livro *Pantanal - Gente Tradição e História*. (SEGATEL, 2008, p.02)

Ao publicar sua primeira obra *Snack Bar*, em 1979, uma coletânea de contos que narram os conflitos humanos ambientados no espaço urbano, a recepção do livro leva o autor a ser respeitado e conceituado pelas características literárias apresentadas na obra. O também escritor Edilberto Coutinho, destaca nas páginas iniciais de *Raízes do Pantanal*, de 1989, que a obra de estreia do autor já revela sua capacidade de criar um mundo ficcional, onde há lugares para o grotesco, o humor e até o patético.

Como é possível perceber, a crítica se mostrou favorável ao autor. Segundo Leite & Fernandes (2010, p.10), no artigo “Poeiras invenções de história”, a opção de Augusto César Proença em narrar a cultura pantaneira, é uma opção inteligente, pois o autor utiliza a mistura de memória, história e literatura. E, para isso, a obra revela uma vasta pesquisa, que recorre tanto a oralidade, quanto a dados históricos. Ao descrever o pantanal em suas obras, o autor escolhe formas narrativas que deixam sobressair a ação humana e as tradições, além de fatos que ocorrem em função do espaço e que são transformadas pelo ambiente. Ainda conforme afirmação de Leite & Fernandes:

O Pantanal inventado por Proença tem claramente a intenção de ser fiel ao real exagerado pelo autor. Há de se pensar, em outro momento, a força da tradição, um fenômeno imponente na escrita proenciana e que pode ser uma chave-mestra para melhor compreender os sentidos que a maior parte de sua produção trata de consagrar. (LEITE & FERNANDES, 2010, p.10).

Por sua vez, Ana Julia Fernandes Segatel (2008, p.03), no artigo “O Pantanal nas obras de Augusto César Proença”, destacará que a maioria das obras deste autor tem o

propósito de retratar a identidade pantaneira, e o maior valor que elas podem traduzir está na revelação humana de seus personagens na região pantaneira. Para a autora, ao narrar a vida no Pantanal, Proença utiliza-se de ingredientes como a poesia, o romance e o lirismo. E ainda, Proença termina por carregar nas suas narrativas uma forma de encantamento, que ocorre através do uso da literatura-memória e da literatura histórica.

Já Guimarães Rocha (2008, p.03), no artigo intitulado “Augusto Proença da raiz ao sonho pantaneiro”, sublinhará que os textos de Proença revelam como principal característica a sabedoria de impressionar com as palavras, apresentando alta capacidade de abstração e descrição.

Nessa mesma perspectiva, Frederico Augusto Garcia Fernandes (2002, p.15), chamará a atenção para o fato de a literatura em Mato Grosso do Sul se caracterizar pela ligação com os valores humanos que retratam a cultura, a sociabilidade e a criatividade, e com esses fatores surgem os mitos, registro de lugares, assombrações, lembranças, como evocações da Guerra do Paraguai, e finalmente figuras humanas, como vaqueiros e violeiros. Assim, para Augusto César Proença a literatura popular pantaneira tem como pressupostos memória, gestos e oralidade, o que acaba por refletir em valores e conflitos comuns a todo ser humano.

Em posição similar, Léia Masina *apud* Nolasco (2008, p.13) afirmará que autores como Raquel Naveira, Hélio Serejo e Hernani Donato possuem como características comuns em suas obras o fato de usar a cultura popular, as lendas e o folclore da região sul mato-grossense como fonte para a produção literária. Tal constatação de Masina também pode ser largamente estendida a Augusto César Proença que, como procuramos enfatizar, busca no popular e no local motivos para sua criação literária, tecendo assim vasto retrato do homem pantaneiro, cerne da cultura sul mato-grossense.

Mas um ponto que se destaca na crítica feita ao trabalho de Proença é em relação ao espaço pantaneiro, que se tornou imagem recorrente em algumas de suas obras. Vemos que o autor faz amplo uso desse cenário para relembrar alguns fatos estreitamente ligados a chegada dos pioneiros nessa região e de que maneira esse lugar influenciava as emoções e os atos das pessoas, como também nas transformações e melhorias que foram realizadas com o passar do tempo.

Sendo assim, este capítulo procurou fazer uma breve contextualização de alguns aspectos da vida e obra de Augusto César Proença, pontuando algumas afirmações críticas que apresentam como principal característica da obra do autor em questão o espaço

pantaneiro. No próximo capítulo buscaremos traçar um breve estudo da obra sob a visão do próprio Augusto César Proença e na sequência iniciaremos a análise do *corpus* selecionado.

CAPÍTULO II

2.1 PANTANAL – GENTE, TRADIÇÃO E HISTÓRIA: A VISÃO DE AUGUSTO CÉSAR PROENÇA.

O livro de Augusto César Proença, *Pantanal - Gente, Tradição e História*, estabelece um compromisso com o resgate histórico da região pantaneira, compromisso este voltado para a valorização dos pioneiros na região. Além dessa apresentação, ele também permite uma visão da história de forma poética e humana, relatando os amores que se deram na conquista desta terra, os traços da cultura e os “causos” vividos pelo povo pantaneiro.

Agora passados muitos anos, tento dar resposta, escrevendo a história dessa gente e desse Pantanal. Do Pantanal exótico que eu vi e senti e que ainda vibra no meu sangue. Será um corpo-a-corpo. Uma batalha de emoções. Procurarei erguer seus mortos para repensar com eles o mundo que construíram. Contarei das lendas. Dos “causos”. Dos fachos luminosos que brilham nos céus. Buscarei das curvas dos rios os sussurros dos homens que um dia tomaram por desilusão, desânimo ou força. Dos homens que fizeram uma história, legaram uma tradição, um mapa, e souberam respeitar sua grandeza. (PROENÇA, 1997, p.09).

No que diz respeito à classificação da obra, podemos considerar as afirmações do próprio autor, quando afirma:

Deixei a literatura de ficção e fui para a história procurando escrever um pouco, retratar a vida dos pantaneiros pioneiros que são descendentes; dos pioneiros na Nhecolândia, então eu procurei fazer um livro através da tradição oral eu ouvia muito meu pai, meu avô falar, e através de estudos e pesquisas que eu fiz durante alguns anos saiu o livro “Pantanal Gente Tradição e História” que teve a primeira edição feita pelo Banco Real, enquanto a segunda edição foi feita pelo Sebrae e agora a terceira foi feita pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; e aí eu entrei no ensaio sócio-histórico. Uma linguagem bastante acessível; um nível nada acadêmico, mas que procurava retratar a vida dos pioneiros na época em que eles chegaram no Pantanal e o que fizeram para desenvolver toda essa região que hoje é considerada um patrimônio ecológico da humanidade (SEGATEL, 2008, p.04).

A partir dessa constatação podemos então tomar a obra *Pantanal - Gente, Tradição e História* como um ensaio histórico, que tem como finalidade mostrar, de forma simples e resumida, como se deu a ocupação na região pantaneira, sendo o Pantanal da Nhecolândia a região com maior destaque na obra, pois, segundo nos conta o narrador Augusto César

Proença, as primeiras famílias que formaram as principais e primeiras fazendas da região são descendentes diretos daqueles pioneiros.

O livro se divide em quatro partes: a primeira recebe o nome de “O Pantanal”, a segunda traz a “A formação Histórica”, a terceira aborda “A ocupação Econômica”, e a quarta e última traz como título “A Nhecolândia”.

Na primeira parte, o narrador, menciona os aspectos da formação geológica da região pantaneira, destacando algumas das teorias existentes sobre o surgimento da mesma, salientando ainda a importância dos rios que formam a imensa planície conhecida como Pantanal. De igual maneira, o narrador destaca a presença do rio Paraguai, que exerceu um papel importante na ocupação humana da região. Conforme sublinha o narrador, o rio Paraguai é:

O rio, que tanto serviços prestaram ao país e ao Estado; que atenuou o grande isolamento em que vivia a capitania, depois o estado (integrado) de Mato Grosso; que teve um papel importante na conquista, posse e fixação de limites; que facilitou a penetração das embarcações repletas de mercadorias estrangeiras e novidades da corte, haveria também de auxiliar a entrada daquele que transformou a planície numa região de criação extensiva de gado, legando ao Brasil e aos seus descendentes um mundo sócio-econômico dos mais significativos (PROENÇA, 1997, p.20).

Já na segunda parte do livro, destacam-se aspectos pertencentes à formação histórica da região pantaneira, e de que forma foi ocupada pelo homem, pois se acredita que os primeiros povos a chegar ao Pantanal foram os polinésios, teoria esta que não está provada e que, segundo a narrativa, os grupos que iniciaram a ocupação deste território foram mesmo os índios e as tribos destacadas nesse momento da história: os Paiguás, conhecidos por serem índios canoeiros e os Guaicurus conhecidos por sua habilidade como cavaleiros. De modo que essas tribos dificultaram, e muito, a exploração desordenada do Pantanal, pois quando portugueses e espanhóis adentravam no território pantaneiro eram duramente atacados e eliminados por essas tribos.

Após esse período de chegada dos colonizadores europeus, observa-se que há uma brusca diminuição da população indígena, devido justamente às constantes batalhas. Nessa mesma época chegam ao território pantaneiro as Bandeiras fluviais ou Monções Paulista, que num primeiro momento tinham o propósito de capturar os índios para serem escravos nas lavouras do litoral, como também de desbravar o território pantaneiro. Dessas monções fluviais merece ser ressaltado um nome que se tornou um líder em especial: trata-se de

Pascoal Moreira Cabral, descobridor de ouro na região. Seu feito resultou na fundação da cidade de Cuiabá, no dia 8 de Abril de 1719.

Em outro trecho, destaca-se o nome de Luiz de Albuquerque, o quarto governador de Mato Grosso. Sendo que este ajudou de forma significativa na formação da região, assim como para a divulgação da mesma, pois organizou grupos de desbravadores que se espalharam pelo território pantaneiro, resultando na formação de vilas, na construção de fortes e na contribuição para a segurança da região.

Sobre o fim do governo de Luiz Albuquerque, no ano de 1801, fica como evidência um importante fato que marcou a história da região: o ataque ao forte de Coimbra, feito pelo governador de Assunção, D. Lázaro de Ribeira, que após alguns dias de combate e de maneira inexplicável se afastou do forte, episódio este que coloca fim ao que o narrador chama de ciclos dos capitães generais.

Um ciclo cheio de vitórias, derrotas, surpresas, espantos e também de riquezas e pobreza. O espírito de aventura, a aureola de bravura que tanto estiveram presentes na época colonial continuam a se repetir com a chegada dos pioneiros e desbravadores (PROENÇA, 1997, p.58).

Com relação à terceira parte da obra, o destaque fica por conta da questão econômica, como também da formação dos grandes latifúndios na região do Pantanal. São pontuados na narrativa quatro elementos fundamentais para o crescimento da atividade econômica nessa região: o desbravador-pioneiro, o vaqueiro, o cavalo e o boi. Como exemplo de grande representatividade desse foco econômico destaca-se a criação da primeira grande fazenda localizada no Pantanal de Mato Grosso, a Fazenda Jacobina, propriedade de fidalgos, fundada no ano de 1772. Essa propriedade atingiu seu maior crescimento quando governada pela família Pereira Leite, pois os habitantes dessa fazenda retiravam seu sustento da prática agrícola e da criação de gado. Lembrando que nessa fase econômica o gado não tinha valor comercial, servia somente para utilização do couro, e a fabricação da carne de sol.

Ainda sobre a Fazenda Jacobina, tomamos conhecimento que esta era conduzida por mulheres, que não priorizavam a beleza, mas destacavam-se como ótimas na lida dos serviços diários, pois os homens que residiam na fazenda se ocupavam com cargos políticos e militares. A fazenda Jacobina entrou em decadência após a lei de Abolição dos Escravos, em 1888, e com isso a propriedade sofreu desmembramentos, o que resultou na venda de suas terras a outras empresas.

Ainda nessa terceira parte, ficamos sabendo da história de Joaquim José Gomes da Silva, considerado com um grande representante da economia na região do Pantanal e de como ele se tornou Barão. Filho bastardo de um padre, Joaquim José Gomes da Silva teve sua infância marcada por travessuras. Após a morte de seu pai, com quem tinha pouco contato, e de posse da herança, ainda jovem casou-se com Benedita Fausta que lhe concedeu um filho e logo o deixou viúvo. Tornando-se mascate, Joaquim José pôde fazer viagens pelas estradas empoeiradas entre Cuiabá e Cáceres e assim desenvolveu o hábito de fazer visitas aos parentes na Fazenda Jacobina, e destas visitas surgiu a história de amor entre ele e Maria da Glória, na época com apenas treze anos. Ao descobrir a troca de olhares entre o casal, a família impede Joaquim José de visitar a Fazenda Jacobina, o que só aumentou a tristeza de Maria da Glória, com a angústia de não poder ver a pessoa amada. Joaquim José então decide pela fuga e para colocar o plano em prática faz com que chegue até Maria da Glória um bilhete marcando o dia e a hora para o surgimento de uma nova vida a dois. No desfecho, Joaquim José compareceu ao encontro e impaciente, ficou à espera na janela, até surgir a sombra da Maria da Glória portando uma corda feita de lençóis, pronta para a fuga. Ao perceber que sua amada descia, Joaquim José preparou o cavalo e, assim que a moça alcançou sua cintura, os dois saíram em disparada.

O que se procura retratar com essa história é que, apesar das dificuldades, Joaquim José Gomes da Silva, conseguiu se sobressair nos negócios com a aquisição de terras, sucesso que deu origem a Fazenda das Piraputangas, propriedade que contribuiu para o desenvolvimento econômico da região rendendo-lhe o título de Barão de Vila Maria. Ainda no relato da história de Joaquim José é descrito o episódio da ocupação paraguaia na região do Pantanal. Em tal ocasião, Joaquim José, acompanhado de esposa e filhos, teve que abandonar a Fazenda Piraputangas, rumo à cidade do Rio de Janeiro, onde ele se lançou na carreira política elegendo-se vereador pelo Partido Conservador, além de ser nomeado posteriormente como o primeiro presidente da câmara municipal de Corumbá. A vida de Joaquim José Gomes da Silva é resumida nesses acontecimentos, enfatizando sua posição como um dos grandes representantes da história da região pantaneira.

Ao passar para quarta parte do livro, que enfoca a região conhecida como Nhicolândia, o narrador tem o cuidado de relatar detalhadamente todos os aspectos que envolveram o povoamento da região e enfatiza as diferenças que fazem desse lugar um lugar único em comparação com outras regiões pantaneiras. Destaca-se então um local ornamentado por salinas, lagoas, baías, com vegetação e solo exuberantes. Sobre o nome

da região é esclarecido que sua origem vem do apelido de infância de Joaquim Eugênio, chamado de “Nheco”, o maior representante dessa região.

O nome Nhecolândia vem de Nheco, apelido de Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o seu fundador. Sabemos apenas que o apelido pegou, a ponto de fazer com que seu próprio nome ficasse esquecido e só a alcunha passasse a caracterizá-lo para o resto da vida (PROENÇA, 1997, p 94).

Como personagem principal dessa quarta parte do livro, o narrador apresenta a história de vida de Joaquim Eugênio como também enaltece seus feitos. Nascido em 22 de Setembro de 1856, filho do Barão de Vila Maria. Após a morte de seu pai, Nheco passa a viver em São Luís de Cáceres em contato com parentes e amigos da antiga Fazenda Jacobina. Vivendo como um moço pobre, Joaquim dedicava-se a criação de gado e através dessa atividade fez amizade com Nhonhô Fancho, proprietário de um pequeno sítio em Vila do Livramento.

A amizade com Nhonhô Fancho possibilitou a Nheco a aproximação com Maria das Mercês (Chechê), o que resultou em seu casamento, realizado no dia 1º de Agosto do ano de 1878. Após o casamento, Nheco decidiu voltar para Corumbá com o propósito de reivindicar seus direitos à herança deixada pelo pai, sem obter sucesso na busca de documentos que lhe comprovasse algum direito. Então Nheco decidiu partir em busca das terras isoladas localizadas no até então desconhecido Pantanal. Segundo Nheco essas eram as terras que ninguém queria.

A partir desse momento, a narração passa a tratar dos feitos de Nheco, o protagonista de uma vida que só enriquece a história e a cultura da região. A jornada de Nheco começa quando, acompanhado de alguns funcionários antigos de seu pai, de sua esposa e de seu filho ainda pequeno, segue rumo às terras da antiga Fazenda Piraputangas.

A viagem é narrada como um trajeto longo e cansativo, cercado de perigos que só termina no dia em que a comitiva avista a antiga sede da fazenda.

O local era uma tapera suja de bamburros e caragatás. Tinha alguns esteios fincados, cobertos por ervas daninhas, cruces espalhadas dentro do capão, cacos de telhas, ossos de animais, pedaços de potes de barro. Tinha também uma figueira copada no meio do largo macegoso e alagado, ao lado da qual Nheco e os camaradas fizeram um poço muito mais tarde na época da seca. (PROENÇA, 1997, p.100).

Inicia-se então a história da Fazenda Firme, uma nova propriedade, que passaria a ser lembrada não como uma luta por terras e ambições desmedidas, mas sim como uma história de coragem feita por pessoas simples, com seus dizeres e fazeres voltados a solidificação dos costumes e crenças na região. Conforme afirmação do narrador:

A história dessa fazenda começa aqui. Não é uma história de luta armada para a conquista de terras. Não é história de ambições desmedidas, de mando de poder, de extermínio. Será mais uma história de gente simples nos seus dizeres e fazeres. Otimista para enfrentar um ambiente tão rude e inóspito, distante dos centros civilizados (PROENÇA, 1997, p.100).

Ainda nessa parte, são narrados detalhes da vida cotidiana na fazenda, deixando no passado a imagem de Nheco e Chechê, com sete filhos já crescidos. A partir da vida cotidiana da fazenda surgem relatos como o episódio ocorrido com Eugênio, filho de Nheco. O menino, logo após o almoço, dava banho em um cavalo, quando se sentiu mal caiu no chão. Já em casa vem, o diagnóstico de um princípio de congestão cerebral, que o deixou ficar desacordado por 12 horas. O remédio descrito era um emplasto de pimenta com farinha de mandioca, além de uma pena de galinha passada em sua garganta para que fosse possível vomitar o almoço, técnica essa aplicada graças ao tio Vadô, o residente da fazenda, que entendia de medicina caseira.

Ainda sobre a simples vida da fazenda Firme, destaca-se a construção de um “jirau”, uma espécie de casa na árvore com quatro lados bem fechados, para que Nheco colocasse as crianças para protegê-las das onças e cobras, pois esses bichos eram constantes nos arredores da fazenda. Relata o narrador que Nheco

construiu um estrado alto de madeira, um reforçado jirau coberto com palhas de acuri. Quando ele saía com os companheiros para caçadas, éramos chamados pelos nomes: Mário, Paulino, Eugênio, Luiz... e subíamos por uma escadinha até alcançar o sobrado improvisado (PROENÇA, 1997, p.104).

Com o passar dos anos, a Fazenda Firme se expande cada vez mais, tanto em território quanto em número de pessoas, devido à chegada de vários parentes, tanto de Nheco, como de sua esposa Chechê. Essas pessoas chegavam à fazenda e de imediato Nheco lhes oferecia um pedaço de terra, fazendo questão de que o gado fosse criado livre pelos campos e em conjunto com todos.

Quando chegaram os parentes e amigos do desbravador, fora de amizade e de compadrio. Basta dizer que todos criavam gado juntos com Nheco. Havia uma participação, um interesse não de salários, mas de serem recompensados com benefícios que cimentavam um vínculo de mútua cooperação entre eles (PROENÇA, 1997, p.102).

Como resultado dessa convivência, aquele isolado local viu o florescer dos amores nos ranchos, pois em um único dia se registra três casamentos entre primos, o que deixava Nheco e Chechê muito felizes, pois as novas famílias permaneceriam na região.

Outro ponto importante na narrativa se refere à lida com o gado, feita por Nheco e seus companheiros quando saiam por dias à procura de gado na vasta região. Esse serviço consistia em marcar os bezerros, levar o gado gordo até a sede da fazenda, e também capturar as “bravezas” como eram chamado os bois que se alongavam no mato.

Já no romper do século XX e a melhoria nas condições de viagem, Nheco passa a refletir sobre a educação das crianças e assim, leva os filhos mais velhos para morarem na cidade com os avós maternos, onde poderiam estudar. Sem vivenciar as mudanças que ainda ocorreriam naquele início de século, no dia 24 de Março de 1909, aos cinquenta e dois anos Nheco falece. Sua morte muda totalmente o cenário da Fazenda Firme, pois com o falecimento de seu mais ilustre morador, a divisão das terras fez com que os demais moradores da fazenda tomassem rumos diferentes. Nas palavras do narrador:

Era natural que partissem para caminhos diferentes, afinal o gado, como já disse, aumentava, e o estouro da boiada seria inevitável. Entretanto convém registrar a boa vontade e a perseverança com que todos continuaram a se empenhar no trabalho, mesmo que com pensamentos voltados a interesses vários (PROENÇA, 1997, p.129).

A partir desse ponto da narrativa, o enfoque recai sobre as transformações que a chegada do século XX trouxe para região pantaneira, é o que ocorre, por exemplo, no ano de 1914, com a movimentação dos trens da Noroeste do Brasil e suas viagens entre Bauru, São Paulo e Porto Esperança. O sucesso do transporte ferroviário resultou na fundação da cidade de Campo Grande entre outros pontos positivos que foram trazidos para a região do Sul de Mato Grosso. No aspecto econômico, destaca-se a valorização da criação de gado, o que fez com que os fazendeiros direcionassem seus investimentos para essa atividade. Nesse período também fica registrada a chegada dos primeiros aviões no Pantanal da Nhecolândia, facilitando ainda mais as viagens entre as fazendas.

Ainda no início do século XX, destaca-se a situação da cidade de Corumbá, que se organizava no caminho da reconstrução dos estabelecimentos públicos, o que deu início a reorganização política, administrativa e econômica do município. Sobre a população da cidade, observa-se que embora Corumbá alcançasse seu período áureo na economia, somente um pequeno grupo de comerciantes estrangeiros e brasileiros que se encontravam estabelecidos no porto se beneficiava. Também se registra alguns programas de melhoramento da vida pantaneira e o quanto os governos e fazendeiros contribuíram para essa melhora. Um exemplo seria o manejo do gado, atividade na qual o produtor agropecuário teve que investir bastante para conseguir com que sua produção cumprisse as exigências do mercado.

A quarta e última parte do livro também narra os aspectos da cultura pantaneira, esta que se realiza através da junção de diversos grupos, como os bandeirantes, os índios, os negros, os bolivianos e os paraguaios, pois cada grupo contribuiu com seus elementos, formando uma mistura cultural do povo pantaneiro: o mameluco paulista trouxe para o Pantanal as assombrações, o lobisomem, a mula-sem-cabeça, o pé de garrafa, etc.. Já os índios ensinaram tomar banhos em rios, dormir em redes, andar descalço, entre outros costumes até hoje mantidos. Quanto à influência paraguaia destaca-se o traço da fisionomia dos vaqueiros, sem mencionar também a influência destes na música e na culinária.

O desenvolvimento dessas manifestações culturais ocorreu num longo processo de aprendizagem, integração e assimilação, um conjunto de tradições que deve ser preservado como um patrimônio cultural da região pantaneira.

Todas essas manifestações culturais desenvolveram-se durante um longo processo de aprendizagem, integração e assimilação, e foram se somando de modo a constituírem o que chamamos hoje de “cultura pantaneira”. E caso não haja um posicionamento para preservá-las, valorizá-las, sem dúvida nenhuma desaparecerão ou serão incorporadas aos costumes que vem chegando com as novas populações que buscam os dois Estados com a esperança de encontrarem abrigo e trabalho (PROENÇA, 1997, p.160).

Finalmente, vemos registrado valor humano como um ingrediente cultural. E no caso do Pantanal da Nhecolândia, e de seus pioneiros, é preciso cultivar a memória dos desbravadores, homens que aprenderam acima de tudo a compreender a natureza, a respeitá-la e esperar o tempo certo para que as coisas pudessem ser realizadas. Tudo isso tendo como pano de fundo a inquietante e impressionante paisagem pantaneira.

CAPÍTULO III

3.1 O ESPAÇO EM “A NHECOLÂNDIA”

Como procuramos destacar nos capítulos anteriores, o Pantanal é o espaço onde se desenvolve a ação do livro *Pantanal - Gente, Tradição e História*. Neste capítulo buscaremos analisar este espaço dentro da quarta parte da obra de Augusto César Proença. Esta, intitulada “A Nhecolândia”, se divide em dezessete subtítulos que abordam especificamente a região do Pantanal chamada de Nhecolândia, enfatizando suas belezas e a história dos primeiros moradores do local.

O espaço atua como elemento de importância fundamental dentro de uma narrativa e provoca várias possibilidades de estudo, conforme sublinha Osman Lins (1976, p. 67). O autor menciona em seu livro *Lima Barreto e o Espaço Romanesco* algumas obras que apresentam o espaço como destaque, é o caso da *Odisséia*, de Homero, em que a transcendência do espaço é anunciada a partir da invocação, na *Ilíada*, também de Homero, temos a narração da luta pela defesa ou conquista de um espaço definido que é a cidade de Tróia. Outro importante dado fornecido pelo autor foi a ambiciosa concepção do espaço desenvolvida por Dante Alighieri n’*A Divina Comédia*, fundindo o natural com o sobrenatural, abrangendo assim os três reinos do mundo: inferno, purgatório e paraíso. Como podemos perceber, são três modos distintos de abordar o espaço e que diferem um pouco do espaço pantaneiro.

Já para Renato Cordeiro Gomes (2008, p.8), o espaço pode ser conhecido como forma privilegiada para se pensar o mundo contemporâneo, uma vez que a partir do século XXI o termo passa a ser mais discutido, ganhando novas definições como, “lugar”, “não-lugar”, “entre-lugar,” “território”, “limite”, “globalização” dentre outros.

Por sua vez, Cândida Vilares Gancho (1997, p. 23), destacará que o espaço é o lugar onde se passa a ação, lugar pelo qual ocorrem os fatos da história. Tal definição pode ser aplicada ao primeiro subtítulo de *Pantanal - Gente, Tradição e História*: “Aspectos gerais”. Nesse trecho observa-se que o Pantanal da Nhecolândia surge como pano de fundo das narrativas dos próximos subtítulos. O espaço é retratado de forma simples, o que pode proporcionar ao leitor uma melhor aproximação com os detalhes da narrativa, além da

contemplação dos elementos desse mesmo espaço. Logo de início, cabe ao narrador situar o leitor geograficamente.

Pantanal da Nhecolândia situa-se no município de Corumbá, sua área é de 23,574 quilômetros quadrados, limita-se ao Norte com o Pantanal das paiguás; ao Sul com os pantanais do Abrobal e Aquidauana, aparecendo o Rio Negro como ponto de referencia para a separação; a Leste com o planalto central, através da Serra da Alegria, desembocando então, na BR 163, atingindo os municípios de Coxim e Rio Verde; a Oeste com o rio Paraguai (PROENÇA, 1997, p.89).

A partir dessa localização torna possível ao leitor o conhecimento das particularidades pertencentes a esse cenário, como o solo, a vegetação, a fauna e a flora. São peculiaridades que nos dão uma prévia de como o espaço atua na vida dos desbravadores da região.

Da forma como é citado, observamos ainda, que há uma espécie de benefício dos elementos naturais oferecidos por este local, como exemplo, o das plantas.

A farmácia do mato é rica. Por influência da cultura indígena, o homem do Pantanal mantém um relacionamento amistoso com as ervas medicinais, não se esquece de uma casca de angico ou de barbatimão para fazer sarar cortes e feridas. Um chá de fedegoso, um xarope de jatobá para tosse, leite de taiúva para dor de dente (PROENÇA, 1997, p.92).

Para falarmos do espaço em “Por que o nome Nhecolândia”, outro subtítulo da quarta parte do livro, podemos recorrer mais uma vez às palavras de Gancho (1997, p.23) quando esta afirma que a variedade de espaço numa narrativa, significa que esta possui um número maior de acontecimentos. É o que ocorre no subtítulo citado acima, no qual é feito o uso de diversos espaços, com a finalidade de mostrar a trajetória do personagem Nheco, desde seu nascimento, passando pela adolescência até a vida adulta. Ainda que não esteja escrevendo um roteiro teatral, a alternância dos cenários permite ao autor o uso desses diversos espaços para retratar a convicção de Nheco em desbravar as terras pertencentes ao seu pai.

Como se vê ainda no referido subtítulo, também tem início a viagem de Nheco e de sua família em busca das terras do Pantanal, trajeto que registra as várias dificuldades impostas a Nheco e sua família. Conforme nos diz o narrador:

Foi uma viagem de sacrifício em que passavam as noites nos velhos aterros indígenas (pousos) onde chegavam com o entardecer para dar tempo de limpar a área, armar as redes, acender o fogo para esquentar a

água do mate fazer uma carne seca com arroz e a fumaça para espantar os mosquitos que atacavam sem pena (PROENÇA, 1997, p.98).

Ainda sobre o trajeto da viagem, feita por Nheco rumo à antiga sede da Fazenda Piraputangas, consideramos as palavras de Cândida Vilares Gancho como esclarecedoras para reconhecer que o espaço exerce influência nos sentimentos das personagens. Nesse sentido, vale considerar os impactos deste na vida de Dona Chechê, que se sentia triste e desanimada no trajeto, envolvida pela recordação das comodidades que tinha na casa dos pais, nos tempos de sua mocidade:

[...] sentindo uma enorme saudade de chegar lá na vila do livramento: do pai, da mãe, dos irmãos, dos dias de lavar roupa no Ribeirão Cocais (daquelas pedrinhas redondas entre as quais tanto ouro um dia brilhou) e também dos passeios domingueiros, depois da missa ao redor da praça arborizada (PROENÇA, 1997, p.99).

Por outro lado, Osman Lins (1976, p.100) afirmará que, o espaço age como um libertador de energias secretas, o que traz surpresas à própria personagem. Sob esta perspectiva, observamos que na narrativa há uma passagem em que o personagem Nheco está à frente do batelão (embarcação feita de madeira e couro) a admirar a natureza exuberante em suas cores, de modo que esta beleza representada pela paisagem pantaneira só vinha reforçar seus sonhos em se estabelecer naquelas terras. É um momento em que observamos um acento mais lírico na narrativa, com uso de algumas metáforas, o que deixa o espaço com tons mais subjetivos, tocando diretamente no estado de animo do personagem, dando a impressão de um tácito diálogo entre ambos.

Naquele momento o sol acamava por cima de um capão e o crepúsculo era ensanguentado, exagerado de tão sangrento, parecendo composto de propósito, para envolver a alma do desbravador, dar convicção de seu sonho, um sentido para aquela aventura (PROENÇA, 1997, p.100).

Ao fim da viagem, que durou cinco dias, foi quando Nheco e seus companheiros avistaram a sede da antiga Fazenda Piraputangas e a descrição desse espaço só reforça ao leitor a luta e a resistência típicas de um forte pantaneiro:

O local era uma tapera de bamburros e caraguatás. Tinha alguns esteios fincados, cobertos por ervas daninhas, cruces espalhadas dentro do capão, cacos de telhas, ossos de animais, pedaços de potes de barro. Tinha também uma figueira copada no meio do largo macegoso e alagado, ao

lado da qual Nheco e os camaradas fizeram um poço muito mais tarde, durante o período da seca (PROENÇA, 1997, p.100).

Já no subtítulo “A Fazenda Firme como experiência comunitária”, o narrador apresenta novos personagens.

Passados alguns anos, vamos encontrar Nheco e Chechê com sete filhos. E já estão grandinhos os meninos, que brincam no terreiro da fazenda, junto dos filhos dos empregados e dos amigos que vêm visitar os pais (PROENÇA, 1997, p.101).

A partir das considerações de Antônio Dimas (1976, p.69), percebemos que o espaço dentro de uma narrativa pode influenciar e determinar as ações. Quando é narrado o cenário da Fazenda Firme, os personagens são apresentados no enfoque das modificações e adaptações vividas na busca por melhores condições de vida. Nesse espaço, seus ocupantes construíram ranchos, cercas ao redor da moradia, como outras melhorias, ou seja, na condição de moradores, passaram a conhecer melhor a região a desfrutar dos benefícios que ela podia oferecer, reforçando assim a bravura e a coragem dos que enfrentaram as adversidades impostas por um território isolado do restante do mundo.

O espaço também pode ser destacado como um meio que exerce influência nas emoções dos personagens, como exemplo podemos citar o momento em Nheco passa a refletir sobre a relação entre o lugar e os sacrifícios que o desbravamento exige. Destaca-se então a descrição que o narrador faz de Nheco, que até esse momento da narrativa se mostra um homem desconhecido.

De temperamento forte, inquebrantável, Nheco nada temia. É verdade que às vezes cismava, como naquela manhã que ficou olhando uns camaradas fabricando um carretão, pensando na vida dura que levava metido num sertão bruto vivendo no meio das onças enfrentando vários perigos. Nessas horas sentia-se meio perdido naquele mundo macegoso, naqueles campos sujos, naqueles brejos que não acabavam nunca (PROENÇA, 1997, p.103).

Assim, fica evidente que a valentia e a coragem eram exigidas no cotidiano da Fazenda Firme. Podemos reforçar essa nossa afirmação com a consideração que faz Osman Lins (1976, p.65) ao sustentar a possibilidade de mudanças e transformações das pessoas a partir das influências do espaço, o que pode ser comprovado quando é narrada a dura lida dos moradores da fazenda. Nesse sentido destaca-se o lado humano das

pessoas, pois em situações de trabalho pesado vale o acordo de que um deve ajudar o outro, uma vez que o isolamento reforça ainda mais o lado das boas atitudes para com seus semelhantes, e isso fica evidente quando Nheco é retratado como alguém que trata a todos com respeito.

Aqueles camaradas (e agora passo a chamá-los por camaradas porque assim eram tratados na época) empenhavam-se em fazer todos os trabalhos, fossem de paia de campo ou de zagaia. Foram escolhidos por Nheco esses vaqueiros valentes destemidos, por ele tratado como compadres, camaradas e amigos. Não podemos chamar de patrão a quem nunca se interessou em apresentar semelhança alguma com esse tipo de empregador (PROENÇA, 1997, p.102).

Com relação ao espaço da casa de Nheco (descrita por Eugênio Gomes da Silva no boletim da Nhecolândia, 1948, nº. 3, p. 12) esta se destaca pela falta de segurança que trazia aos moradores, especialmente as crianças, fazendo com que o proprietário construísse uma espécie de casa na árvore para abrigar os filhos dos perigos impostos pelo ambiente.

Construiu um estrado alto de madeira, um reforçado jirau coberto com palhas de acuri. Quando ele saía com os companheiros para as caçadas, éramos chamados pelos nomes: Mário, Paulino, Eugênio, Luiz, subíamos por uma escadinha até alcançar o sobrado improvisado. No jirau nos sentíamos protegidos, mas também presos, mesmo porque a escada era retirada (PROENÇA, 1997, p.105).

Outro ponto a ser destacado com relação a vida dos moradores da Fazenda Firme é que aquela maneira de viver e sua relação com a natureza despertava curiosidade. Em dada ocasião, certo conde austríaco chegou ao local na tentativa de descobrir como era viver naquele mundo isolado, diante de tanto desafios. Diz o narrador que:

Certa tarde, depois de um dia cansativo de trabalho, estavam todos tomando mate, proseando, quando viram se aproximar uma figura pomposa e meio alourada, acompanhada de um séquito de gringos. Era um conde austríaco, representante da mais alta linhagem européia que estando de passagem por Corumbá, manifestou o desejo de conhecer de perto os habitantes da fazenda Firme, dos quais devia ter ouvido falar, viviam num interessante entrosamento com as onças e os animais selvagens (PROENÇA, 1997, p.106).

Ao relatar o modo de diversão oferecido na comunidade, pode-se comprovar através da narração que o lazer também estava relacionado ao espaço. A diversão das crianças só acontecia no dia que os “camaradas” chegavam da lida do campo, quando era possível participar da doma dos potros.

Os meninos se divertiam quando os rebanhos vinham para o curral, a fim de serem tratados e examinados com cuidado. Era o dia da farra das risadas, dos gritos e das machucaduras. Aproveitavam a ocasião e trabalhavam também os potrinhos e as potrancas, animais “caborteiros” ariscos, que pela primeira vez viam gente pela frente (PROENÇA, 1997, p.108).

Com o crescimento da Fazenda Firme, tanto em extensão de terras como no aumento do número de moradores, o espaço foi se dividindo em espaços menores chamados de “Retiros”. Na organização social desses retiros, o ambiente ainda continuava a oferecer uma vida de muita luta aos seus habitantes.

Diante de tantas lutas, destaca-se a fé como o grande gerador de superação dos conflitos da terra:

Num mundo em que cada gesto estava impregnado de valor humano: no gesto materno de preparar a mamadeira dos recém-nascidos, da parteira que atendia um filho que nascia nos gestos dos dedos que apalpavam os terços, dos beijos que rezavam as rezas, nos gestos com que faziam furrundus, caribéus e jacudas, das mãos que embalavam as redes quando o vento sul arrepiava nas palhas dos ranchos, zunia no largo, dando receio e sobressaltos (PROENÇA, 1997, p.126).

Com o passar do tempo, também é registrado o progresso como fator de transformação na paisagem da Fazenda Firme. 22 de Janeiro de 1902 é data importante na propriedade, pois marca a chegada do Major Cândido Mariano Rondon, acompanhado da comissão que explorava o traçado por onde passaria a linha telegráfica. Podemos dizer que é o progresso chegando à Fazenda Firme, dando indícios de que logo toda aquela vida comunitária e seus moradores, assim como aquele espaço isolado já não seriam mais os mesmos.

No início do século XX, o território da Fazenda Firme presencia o “florescer do amor nos ranchos”, (PROENÇA, 1997, p.127), e em apenas um dia, no interior da fazenda três casamentos foram realizados, o que trouxe grande felicidade para Nheco e Chechê, pois assim garantia a permanência de suas famílias na região.

Entretanto, no subtítulo “As transformações”, ponto que podemos considerar como o ápice da narrativa, ficamos sabendo da perda de seu maior desbravador. Com a morte de Nheco, o espaço é transformado (novamente) com a saída de alguns de seus moradores para formarem outras fazendas na região. A partir de então, a administração da Fazenda Firme passa a ser feita por Chechê e alguns filhos de Nheco, mas essa sociedade não resiste por muito tempo. Com a valorização da criação bovina, ganhando valores cada vez mais altos nos meios comerciais, o espírito de harmonia e união, tão esmerado por seu fundador passa a ser deixado de lado.

Podemos concluir que ao contar a história da vida de Nheco, o narrador registra a memória como um importante fator para a manutenção das origens da região do Pantanal da Nhecolândia e do povoamento dessas terras.

Vimos também que, na literatura o espaço exerce grande força, determina ações e provoca emoções nos personagens. Em *Pantanal – Gente, Tradição e História*, de Augusto César Proença, essas implicações ficam muito claras, pois a forma de reação dos personagens em relação aos primeiros acessos a este espaço, empenhando-se na transformação e na aceitação dessa região, influenciou na admiração e no respeito conquistado através dos desafios de uma maneira de colonização baseada numa busca de harmonia com o meio. Como resultado, a valorização econômica da região da Nhecolândia, fato concretizado pelo número de fazendas que se multiplicou, desenhando um espaço bem diferente daquele do Pantanal de seu fundador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, que considerou o espaço na quarta parte do livro *Pantanal - Gente, Tradição e História*, do escritor corumbaense Augusto César Proença, partiu, sobretudo, de alguns aspectos ligados a vida e a obra do autor. A partir do *corpus* intitulado “A Nhecolândia”, o espaço foi analisado com a finalidade de destacar sua influência na vida, nas ações, e até nos sentimentos dos personagens presentes na narrativa.

Verificamos ainda que a obra de Augusto César Proença é apresentada com uma riqueza de detalhes impressionante e com uma poética que revela, de forma grandiosa, os relatos recolhidos da oralidade e de documentos históricos, como o registro de conflitos latifundiários e amorosos, bem como de algumas situações específicas do homem pantaneiro e de sua luta nesse meio que se mostrou inicialmente hostil. Assim, também foi possível observar que o espaço, ou o território pantaneiro, condicionava a vida do personagem Nheco e de sua família.

Outro fator importante na obra se refere ao fato do autor nos oferecer a oportunidade de visualizar um espetáculo único de belezas naturais e como essas peculiaridades surgem para enriquecer os aspectos culturais, evidenciando uma forma de resgate histórico da região pantaneira e dos valores deixados por seus pioneiros.

Contudo, cremos que o resultado deste trabalho pode ser medido por meio do reconhecimento do resgate, não só de um passado de lutas e conquistas, que contribuiu largamente para formação de nosso estado, mas também como uma maneira de nos reconhecermos enquanto sul-mato-grossenses, isto é, como uma forma de entender e reafirmar nossa própria identidade, por meio da memória desses pioneiros desbravadores que, trabalhando coletivamente e respeitando a cultura do outro que aqui já vivia, conseguiu dar origem a uma cultura nova, uma cultura baseada na hospitalidade e no respeito para com seu povo.

REFERÊNCIAS

DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1994.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. 4ª edição. São Paulo: 1998.

GARCIA, Fernandes Frederico Augusto. *Entre Histórias e Tererés: O Ouvir da História Pantaneira*. São Paulo: UNESP, 2002.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo: Atlas, 1994.

MARGATO, Izabel, GOMES, Renato Cordeiro. *Espécies de Espaço: Territorialidades, Literatura, Mídia*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

NOLASCO, Paulo Sérgio dos Santos. *Fronteiras do Local: Roteiro para uma Leitura Crítica do Regional Sul-mato-grossense*. Campo Grande, UFMS, 2008.

PROENÇA, Augusto César, *Pantanal: Gente, Tradição e História*. 3ª edição, Campo Grande: UFMS, 1997.

_____. *Raízes do Pantanal: Cangas e Canzis*. Belo Horizonte: Itabaia, 1989.

SEGATEL, Ana Julia, *O Pantanal Sul – Mato – Grossense sob o olhar de Augusto César Proença*. Disponível em www.congressohistoriajatai.org/2010/anais2008 (data de acesso 14/09/2010)

LEITE&FERNANDES, *Poeiras: invenções de história*. Disponível em www.encontro2010.historiaoral.org.br (data de acesso 04/10/2010).

ANEXOS

ANEXO A -Capa de *Pantanal Gente, Tradição e História*



AUGUSTO CÉSAR PROENÇA

PANTANAL

Gente, Tradição e História

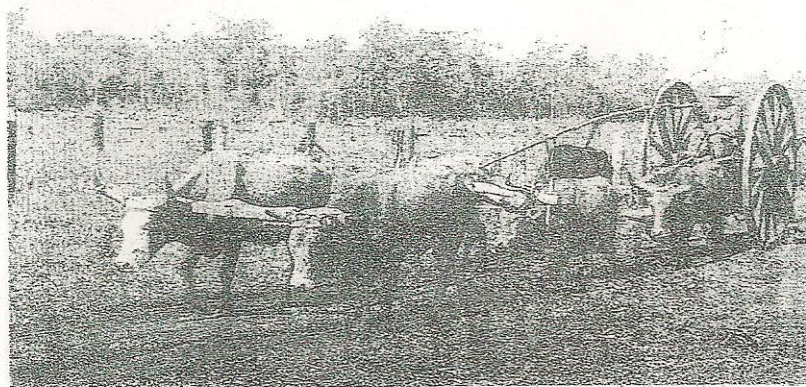
3ª Edição



ANEXO B -Maria das Mercês, a Cheché



ANEXO C - Transporte usado no Pantanal da Nhecolândia



ANEXO - D Nheco Gomes da Silva

